

Pedro Thame Guimarães

Lugares do ir

O ensaio¹ explora a influência que o modo como nos deslocamos exerce sobre a percepção da paisagem da cidade e na criação de possíveis lugares com base nessas variabilidades.

Escolheu-se o percurso que liga o *campus* da UFMT, a porção sul da cidade de Cuiabá – que começou a ser estruturada a partir do final dos anos de 1970, baseada em fundamentos urbanísticos modernistas –, ao Centro Antigo – núcleo urbano original com características coloniais. Um percurso com 3,5 quilômetros, percorrido de três maneiras diferentes: de carro, de ônibus e a pé. As experiências foram realizadas em dias diferentes da semana, no mesmo intervalo de horário, possuindo durações diversas.

1 Ensaio baseado em parte do Trabalho Final de Graduação (Arquitetura e Urbanismo, UFMT) “Experiências de apreensão da paisagem em Cuiabá” (2017), sob orientação da Profa. Dra. Doriane Azevedo.

Em primeiro momento, a variação dos meios de transporte pode ser entendida como um gradiente de velocidade e da duração do trajeto, ou seja, a variação do tempo que possuímos para apreender e vivenciar a paisagem. A quantidade de tempo que dispomos está diretamente relacionada à qualidade da nossa apreensão da paisagem: a redução ou aumento desse tempo altera a capacidade de identificação dos diferentes arranjos, dos diferentes setores, possuidores de maior ou menor legibilidade. Essa característica aplica-se aos elementos de maneira isolada e igualmente à sua síntese, o conjunto da paisagem. No entanto, não é somente a velocidade que impacta substancialmente no processo de apreensão; surgem outros fatores de igual importância: as restrições parciais aos sentidos próprias de cada modal (como obstáculo à visão, ruído excessivo), os diferentes contatos interpessoais e, sobretudo, o lugar de cada modo de ir.

Caminhar deixa à escolha própria o

tempo que se demorará no uso, na apropriação e na criação dos lugares – a parada para cada olhar, entendimento daquele detalhe jamais visto, ou a simples pausa sob a sombra em meio ao calor excessivo. Já no ônibus, não há controle direto sobre sua velocidade, somente o pedido de parada nos pontos. Nesse sentido, o carro é o meio-termo, afinal é possível diminuir a velocidade, ou mesmo parar quando viável. O ato de caminhar pode constituir um lugar que, entretanto, não está tão explícito na paisagem tanto quanto o lugar do carro ou do ônibus. Estar em um dos dois veículos é estar inscrito em seus limites, constituindo ainda territórios com códigos sociais sofisticados. Já o lugar do caminhar não possui delimitação tangível: para constituí-lo é necessário ação.

Nesta apresentação, as imagens foram encadeadas de modo a compor diferentes séries, evidenciando em qual experiência foram geradas. No processo de edição, buscou-se colocar as imagens mais relevantes dentro de cada experiência analisada isoladamente. Nota-se depois, ao comparar as diferentes séries, que alguns elementos se mostram presentes em três, ou em duas das experiências, de maneira alternada, permitindo que se façam ligações entre elas. Lacunas existem nas imagens das três experiências. A predominância em termos de quantidade de imagens é da experiência do caminhar (coluna da direita), seguida pela do ônibus (coluna central) e a do carro (coluna esquerda), o que não quer dizer que o caminhar não possa igualmente ter lacunas. Levanta-se, desse modo, a relevância da apreensão dos objetos inseridos no âmbito geral de cada experiência (de cada

contexto), deixando de lado questões exclusivas da qualidade do objeto e passando ao conjunto.

REFERÊNCIAS

- CARERI, F. **Walkscapes: o caminhar como prática estética**. Tradução de Frederico Bonaldo. 1ª. ed. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.
- CAUQUELIN, A. **A invenção da paisagem**. Tradução de Marcos Marciolino. São Paulo: Martins, 2007.
- CULLEN, G. **Paisagem urbana**. Lisboa: Edições 70, 2009.
- HALL, E. T. **A dimensão oculta**. Tradução de Waldéa Barcellos. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- KOHLSDORF, M. E. **A apreensão da forma da cidade**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1996.
- LYNCH, K. **A imagem da cidade**. Tradução de Jefferson Luiz Camargo. 2ª. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.
- MAGNOLI, M. M. Ambiente, espaço, paisagem. **Paisagem Ambiente: ensaios**, São Paulo, n. 21, p. 237-244, 2006.
- SANDEVILLE JÚNIOR, E. Paisagem. **Paisagem Ambiente: ensaios**, São Paulo, n. 20, p. 47-60, 2005.
- VENTURI, R.; SCOTT BROWN, D.; IZENOUR, S. **Aprendendo com Las Vegas**. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Cosac & Naify, 2003. ■

